

Exu como álibi metodológico¹

Thiane Neves Barros²
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo

Dos búzios à pesquisa de campo, tudo é cruzo. É a partir de uma analogia com os cruzos que vêm de Exu que o objetivo do artigo é apresentar uma perspectiva Exuística nas metodologias de pesquisas no campo da Comunicação. Não é uma resposta, mas um caminho. Uma possibilidade metodológica pensada inicialmente para pesquisar apropriações tecnológicas de mulheres negras, inspirada em metodologias de encruzilhadas. Estas, entendidas como caminhos possíveis para serem percorridos, mas que pode ser um álibi para muitos trabalhos afrodiaspóricos que busquem sentidos em seus campos e em suas ferramentas. Se Exu é múltiplo, nossas metodologias também podem seguir seus passos e brincar juntas para alcançarmos os resultados que buscamos.

Palavra-chave: comunicação; metodologias; Exu; encruzilhada.

1. Por uma metodologia de cruzos

Este artigo surge a partir de minha tese de doutorado na qual elaboro sobre uma metodologia de cruzos e coloco Exu como um álibi metodológico. Exu é o Orixá da comunicação e seu lugar de encontro é na encruzilhada. Ele é o começo, o meio e o fim. Exu está sempre trabalhando, porque está sempre sendo invocado, até por quem não o conhece.

Quando entro em minha casa de axé (sou Ekedí em um terreiro de tradição Ketu), minha primeira ação é cumprimentar Exu: “Mojubá, Exu. Laroiê!”. Recordo quando de minha iniciação que a Ya Kekere de nossa casa, ao conhecer meu Exu, disse “Bem-vindo a essa família, senhor”. Outra cena que não me sai da memória é minha Yalorixá sentada em um apoti (um banco pequeno), moldando meu Exu e conversando com ele, a certa altura ela resmungou: “Tá certo assim?”.

Nós conversamos com Exu e damos espaço para que ele nos fale. Mas se enganamos aqueles que associam Exu a uma única energia e imagem. Cada momento dessa comunicação acontece sob um método apropriado para aquela ocasião. Exu nos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia, bolsista de Tecnologia e Sociedade na Fundação Mozilla. E-mail: thiane.nb@gmail.com.

ensina que a vida é dinâmica. E ele, o senhor que também habita o mercado e a feira, que está na comunicação das negociações, se apresenta em múltiplos e por isso o exercício de brincar com uma metodologia em comunicação que siga os múltiplos de Exu.

Neste texto, corrijo o equívoco de não ter dialogado com Leda Martins anteriormente. Afinal, desde os anos 1980, a escritora nos brinda com seu pensamento que apresenta a encruzilhada, na perspectiva bantu-nagô-iorubana, como um chave teórico-conceitual, e nos provoca a pensar que nem a vida, nem a arte, muito menos a comunicação, são linhas retas, lineares. Ela afirma que essa epistemologia de um tempo que segue uma reta, não é obra de povos que foram colonizados, pois as “experiências de tempo são diversas” (Martins, 2023, p. 13).

É comum que no Ocidente as encruzilhadas sejam compreendidas como ponto de conflito, confusão, estagnação ou indecisão. Porém, em filosofias que brindam Exu, a encruzilhada é caminho de encontro, de múltiplos encontros, é chegada, passagem e partida. Como afirma a Yalorixá Nalva de Oxum: encruzilhada é lugar de decisão, de comunicação. Na encruzilhada, podemos ir a voltar, escolher outros caminhos e formas de caminhar, na encruza podemos abrir mão da pretensa linearidade e espiralar nossos movimentos de pesquisa, como nos inspira a reflexão de Verônica Lima (2023).

E aqui chamo atenção que já estamos falando de metodologia de pesquisa. Em campo, sobretudo nas Ciências Humanas e Sociais, quando trabalhamos com comunidades tradicionais, os caminhos não são sempre os mesmos, nem a comunicação acontece sempre no mesmo formato. Então por que forjar metodologias tão desconectadas dos saberes ancestrais dessas comunidades? Nada mais divertido do que brincar com a multiplicidade da vida. De misturar palavras e sentidos até compreendermos porque acionamos determinados métodos ou caminhos, afinal não chamaremos sem conhecermos. E se o fizermos, que tenhamos sólidos argumentos:

Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais dela também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra no sistema filosófico-religioso de origem iorubá uma completa formulação. Lugar de intersecções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Exu Elegbara, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento. (Martins, 1997, p. 26)

Exu rompe com o silêncio. E é atemporal porque é movimento. É circular, porque tudo que vai, pode voltar, mas não precisa voltar da mesma forma, como diz Martins (2023). Exu é o fundamento da comunicação, é o dinamizador do mundo, inclusive das negociações políticas, porque ele é o primeiro, o princípio, relaciona-se com tudo que existe (Sodré, 2017). Se a comunicação acontece no afeto, o que pode nos afetar mais do que a encruzilhada com todas as suas possibilidades de começo, meio e começo? “É sempre possível voltar”, afirma Verônica Lima (2023).

Na perspectiva afrodiaspórica, não ignoramos as contribuições culturais manifestas da diversidade africana traficada para as Américas, nesse sentido Martins (1997) reitera que as culturas negras são culturas das encruzilhadas, dos encontros, das somas, das prosperidades. Porque encruzilhada é passagem para Exu. É onde ele se alimenta, onde bebe.

Além desta introdução, o trabalho tem outros dois tópicos que são convites a essa provocação, o objetivo é repensar as formas cartesianas de construir metodologias de pesquisa e nos oportunizar construir metodologias que façam sentido aos nossos afetos, em cruzamentos que alimentem nossas criatividade: 2) Exu é a boca que tudo come, não podemos esquecer disso. 3) Como um álibi metodológico, ancorar nossos trabalhos em Exu, é trazer os nossos múltiplos para a tona.

2. A Boca que Tudo Come³

Para tudo que se faz no Candomblé, e nas demais tradições de matriz africana, Exu vem à frente. E para cada processo: métodos. Primeiro a consulta aos Búzios, busca-se orientação diante do contexto em questão. Feito o jogo, questão-problema posta, tudo anotado no caderno, é hora de aplicar os procedimentos do que o jogo indicou: um obi? Um bori? Assentar Exu?

Por ser o primeiro, o princípio, o meio e a possibilidade, é ele quem saudamos antes de qualquer outro Orixá/Nkisi/Vodun. Exu é quem come primeiro. Tudo tem um motivo, um objetivo, os ingredientes da comida de Exu têm função e as formas de fazer são rigorosas.

³ Este artigo é extraído da tese “**NEGUINHAS QUE ARMAM A QUIZUMBA**: debates sobre ações políticas e apropriações das tecnologias pelas herdeiras de Ananse da Amazônia Paraense”, de nossa autoria, defendida em 2024 pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (PosCom-UFBA), sob orientação da Profª Dra. Graciela Natansohn. Nesta versão traz novas referências a ampliar o próprio debate na linha do tempo, recuperando Leda Martins como referência iniciática.

Exu está na criação, na fertilidade. É sério, leva tudo a sério, tão sério que vem jogar conosco para avaliar se realmente sabemos o que buscamos nessa comunicação. Se pedimos, se o chamamos, ele atende. E tal qual a um processo de pesquisa: é preciso saber o que se busca, é preciso responsabilidade para não chamar Exu à toa. Da mesma forma que nas pesquisas acadêmicas só chamamos por uma metodologia se ela faz sentido ao nosso conjunto de questões.

Dessa forma, o título desta seção é uma analogia para dizer que nossos trabalhos podem comer o quanto for ofertado: cada palavra, gargalhada, choro, cachaça, samba, ilustração, sabonete, turbante, colar, tecido, abraço, perfume, chateação, indignação, sabedoria, ação política e comida, muita comida. Na feira, no mercado, no encontro das águas, as possibilidades podem ser ajustadas, sempre mirando múltiplos olhares e intencionalmente evitando inventar verdades absolutas que deem asas aos dispositivos coloniais. (Neves-Barros, 2024).

Apresentar uma perspectiva Exuística dos fenômenos comunicativos, como uma forma de olhar para pesquisas no campo da Comunicação, das confluências entre os modos de ver a partir de Exu e os modos de olhar para métodos de pesquisa que não busquem a simplicidade dos binarismos que condicionam resultados a modelos pré-estabelecidos por meio de teorias que nem sempre consideram especificidades. Existem métodos para se comunicar com Exu, mas que também considera os múltiplos, as dicotomias e as possibilidades.

Na governança metodológica, a busca por métodos que nos possibilitem reflexões afortunadas é constante. É buscar sentidos nos cruzos dos métodos que se apresentam para nós a partir dos diálogos no campo, de olhos e ouvidos alertas e abertos ao sentir, em estado de quase transe. “Exu é o princípio da existência diferenciada” (Sodré, 2017, p. 175).

Pelas metodologias cartesianas, Exu ainda é visto como o diabo. E esse é um método racista que tem prevalecido como verdade para os herdeiros dos colonizadores. Acontece que de onde vem Exu, o diabo não é persona grata porque ele não existe. Exu é o Orixá que mais joga o jogo do ser humano.

Os tempos são outros, mas a pretensa racionalidade e civilidade ocidental, permanecem. Mesmo nos estudos da comunicação, campo com forte influência latinoamericana, ainda predomina o apego aos intitulados verdadeiros métodos de

pesquisa. Mas é a partir do cruzo que pessoas afrodiaspóricas espalham seus saberes, experimentam a vida em várias dimensões, contam suas histórias, é no cruzo que nos livramos das colonialidades.

3. Álibi metodológico

Se enquanto morada de Exu, “a encruzilhada é o espaço da comunicação por excelência” (Lima, 2023, p. 123), então a metodologia de pesquisa em comunicação quando fundamentada nos múltiplos e nos cruzos de Exu, ganha uma dimensão de liberdade de movimento pouco experimentada diante das amarras que são colocadas de mantermos acesas as chamas das metodologias colonizatórias.

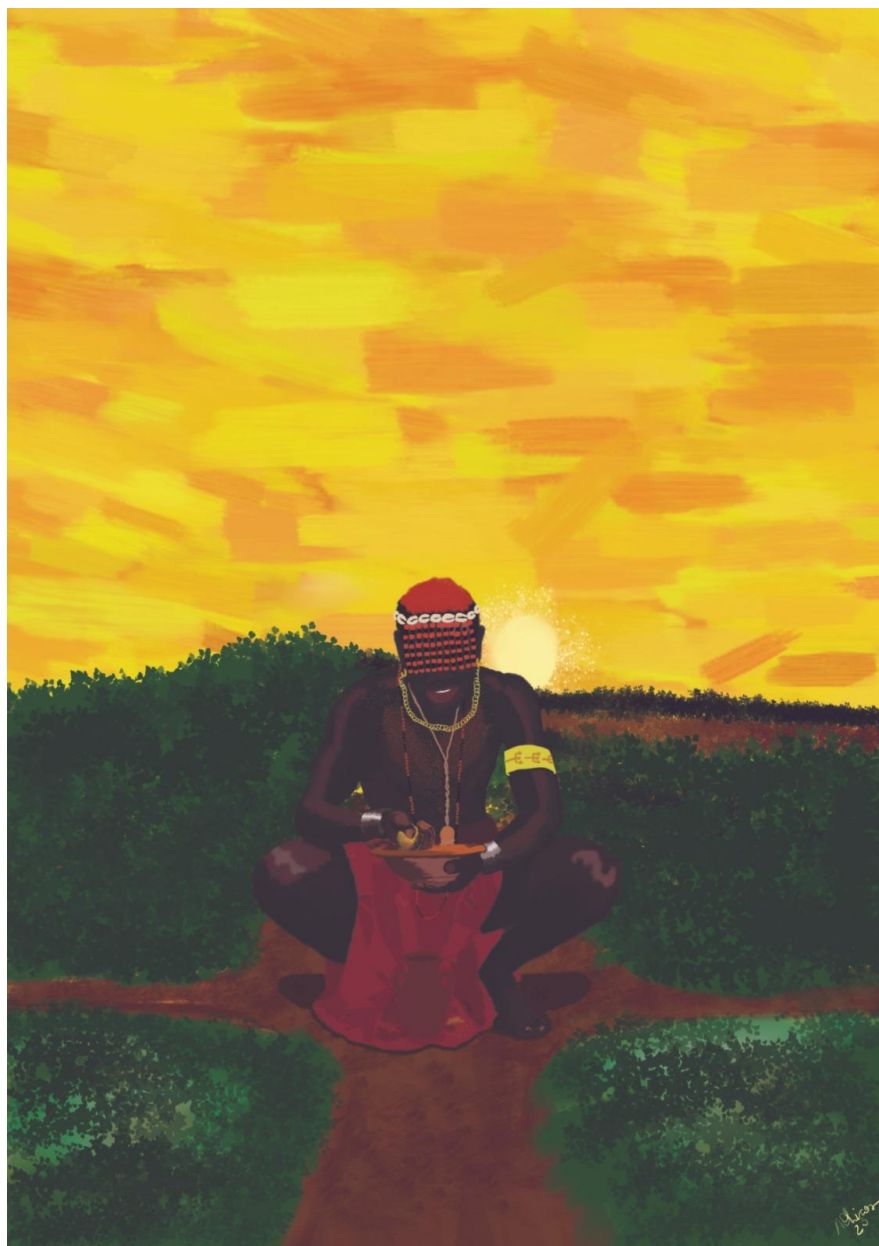
Partir de minha relação com Exu foi primordial para avançar e escolher os caminhos de um trajeto de pesquisa cujo tema eram as apropriações tecnológicas por parte de mulheres negras. Voltei às encruzilhadas para escolher um novo caminho sempre que senti necessidade de fazê-lo na insistente busca por sentidos, são as rasuras do ir e vir, voltar e retomar, olhando para o método como ele realmente é: movimento, jogo e fluidez.

Para saudar Exu cortamos, cozinhamos, oferecemos. Em cada ação comunicativa sentidos próprios para uma entidade que caminha nas ruas e traz consigo as dicotomias humanas, é uma filiação humana e divina (Sodré, 2017). Existe esse Q de transgressão associado a Exu porque mesmo na dimensão da vida, pensamos os nossos métodos de forma cartesiana, linear, olhando para as bifurcações como problemas de escolhas, descartamos o errado e buscamos incansavelmente o certo e a verdade. Em vão. Porque somos dualidade.

Por isso Martins (1997) elaborou a encruzilhada como uma instância na qual “se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam”.

Então, se até Exu é múltiplo, por que nossos métodos de pesquisa deveriam cumprir rituais únicos apenas pela força da adequação? Passar Exu na frente e por meio dos seus rastros e das suas pegadas, traçar as caminhadas de nossas pesquisas, em visadas metodológicas que nos permitam alcançar a transculturalidade da comunicação e de pensar as tecnologias da comunicação, bem como as múltiplas possibilidades para sua apropriação, sem sobreposição de saberes.

Figura 1 - Exu



Fonte: Ilustração da artista Ana Taís Olics, da Amarelo Dendê⁴

Em diversos outros trabalhos sobre Exu, também é muito comum o uso do conceito “Ebó de descarrego colonial” (Silva, 2015; Rufino, 2019; Gonzaga, 2022), pois estamos na disputa de retomada de nossas narrativas, o silêncio é rompido quando vibram os sons de nossas vozes: “Em Exu, são essenciais as funções da boca tanto nas

⁴ A ilustração de Exu usada no texto foi feita sob encomenda para compor este artigo, sua reprodução não é livre. Para mais informações, contate @amarelodende no Instagram.

ações de introjeção e restituição (daí as representações do dedo chupado, do cachimbo fumado, da flauta soprada etc) quanto nas ações de comunicação” (Sodré, 2017, p. 176).

Se tudo em Exu comunica, se o jogo de búzios comunica sobre o que Exu está pedindo como caminho, as ferramentas aplicadas em uma pesquisa de campo podem ser selecionadas a partir dos seus sentidos comunicacionais: roda de conversa, café com bolo, cachaça com farofa, palavra, gargalhada, choro, samba, abraço, sabedoria, ação política e comida, muita comida. Tudo pode ser devorado enquanto fenômeno comunicativo.

4. Conclusão

Troque a água da quartinha de Exu. Troque sua bebida. Acenda sua vela. Ofereça um mininico bem apimentado e converse com ele. Esse é um dos meus percursos metodológicos com Exu. Mas ao perguntarmos às pessoas sobre qual é a melhor forma de falar com Exu, os métodos são quase intermináveis. Pois bem, se o senhor da comunicação sopra em nossa intuição a importância da multiplicidade, então as Ciências da Comunicação estão bem orientadas.

Exu - método - afeto como ingredientes de uma brincadeira séria com metodologias que possam se cruzar e confluir, para o bem das pesquisas em comunicação. Se ele é nosso álibi metodológico, com ele podemos cortejar métodos para fazê-los brincarem juntos e, inclusive, repensar metodologias que atendam os sentidos de nossas pesquisas em Comunicação, em movimentos feitos para desarmar verdade absolutas e coloniais.

“Exu acertou um pássaro ontem, com a pedra que atirou hoje”, é um ditado Nagô-Yourubá bastante familiar nos contextos das tradições de matriz africana no Brasil, aciono ele aqui neste trabalho para lembrar que para rompermos com as lógicas coloniais (Bispo, 2015) e com as colonialidades do ser-saber-poder (Maldonado-Torres, 2019) é preciso repensar nossas cosmogonias e cosmologias, ou seja, nossas possibilidades de ser-existir e de nossas composições.

É na reivindicação por uma autonomia metodológica, uma busca emancipatória (Sodré, 2017) que permita mergulhos profundos, para além da beirada (Rufino, 2019) que podemos construir pesquisas desapegadas das lógicas coloniais, para além do

discurso teórico. E estes cruzos podem acontecer na feira, no mercado e no encontro das águas que as negociações e trocas acontecem, que as possibilidades são ajustadas.

Referências

BISPO, A. **Colonização, quilombos, modos e significados**. Brasília, 2015.

GONZAGA, Rodrigo Rafael. **Os múltiplos de Exu**: um ensaio sobre tecnologias ancestrais na arte contemporânea. Revista Calundu. Vol. 6, N.1, Jan-Jun 2022. p. 25-36.

LIMA, V. Abrindo caminhos e tempos: encruzilhada como princípio para uma comunicação decolonizante. Em: **Pensares y haceres para una comunicación decolonial**. Orgs: LARA, E. C. villanueva, E. R. T., CEBRELLI, Alejandra. CIESPAL: 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade**: algumas dimensões básicas. Em: BERNARDINO-COSTA, Joaze. MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, L. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. ebook kindle. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu**: o guardião da casa do futuro. Coleção Orixás, 9. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.